

Desfile entre o curso e o trio elétrico

Com prefácio do antropólogo Hermano Vianna, almanaque de André Diniz dá uma geral na história do carnaval brasileiro

Lauro Lisboa Garcia

Carnaval taí, mais uma vez. E para quem quiser entender um pouco da história da folia que vai do curso ao trio elétrico, o escritor André Diniz acaba de lançar *Almanaque do Carnaval* (Editora Zahar, 272 páginas, R\$ 39,90). O subtítulo esclarece: nessas páginas, o autor fez um apanhado geral da festa indicando “o que ouvir, o que ler, onde curtir”. Diniz vem de referências de sucesso com os livros *Almanaque do Choro* (2003) e *Almanaque do Samba* (2006). Em 2007, também lançou *O Rio Musical de Anacleto de Medeiros*.

O *Almanaque do Carnaval* tem um bom prefácio do antropólogo Hermano Vianna, que define o conteúdo como “animadoras histórias para todo mundo que quiser conhecer melhor a vibrante multiplicidade da nossa folia”. O autor se baseia nas manifestações musicais/culturais dos três maiores eixos da folia: Rio de Janeiro, Salva-

dor e Recife. Afinal, são as capitais dos Estados mais influentes em toda a música brasileira, não apenas a de carnaval. Os ritmos mais presentes são o samba e suas variações, a marchinha carioca do carnaval de salão, o fre-

RIO, SALVADOR E RECIFE SÃO OS EIXOS FUNDAMENTAIS EM QUE DINIZ TRANSITA

vo pernambucano, suas raízes, seus frutos e fusões, como a versão trieletrizada por Dodô e Osmar, que deu num dos componentes da axé music baiana.

Em outras partes do Brasil, há manifestações próprias, mas os modelos de desfiles e concursos são baseados em trios elétricos da Bahia e escolas de samba do Rio. Há no interior mineiro e paulista festas carnavalescas animadíssimas, mas em menor escala de influência. A capital de São Paulo tem até hoje um bom desempenho comercial com os

desfiles das escolas de samba, seguindo o padrão carioca. Porém, como justifica o autor, não tem no cancionário temas expressivos de alcance nacional.

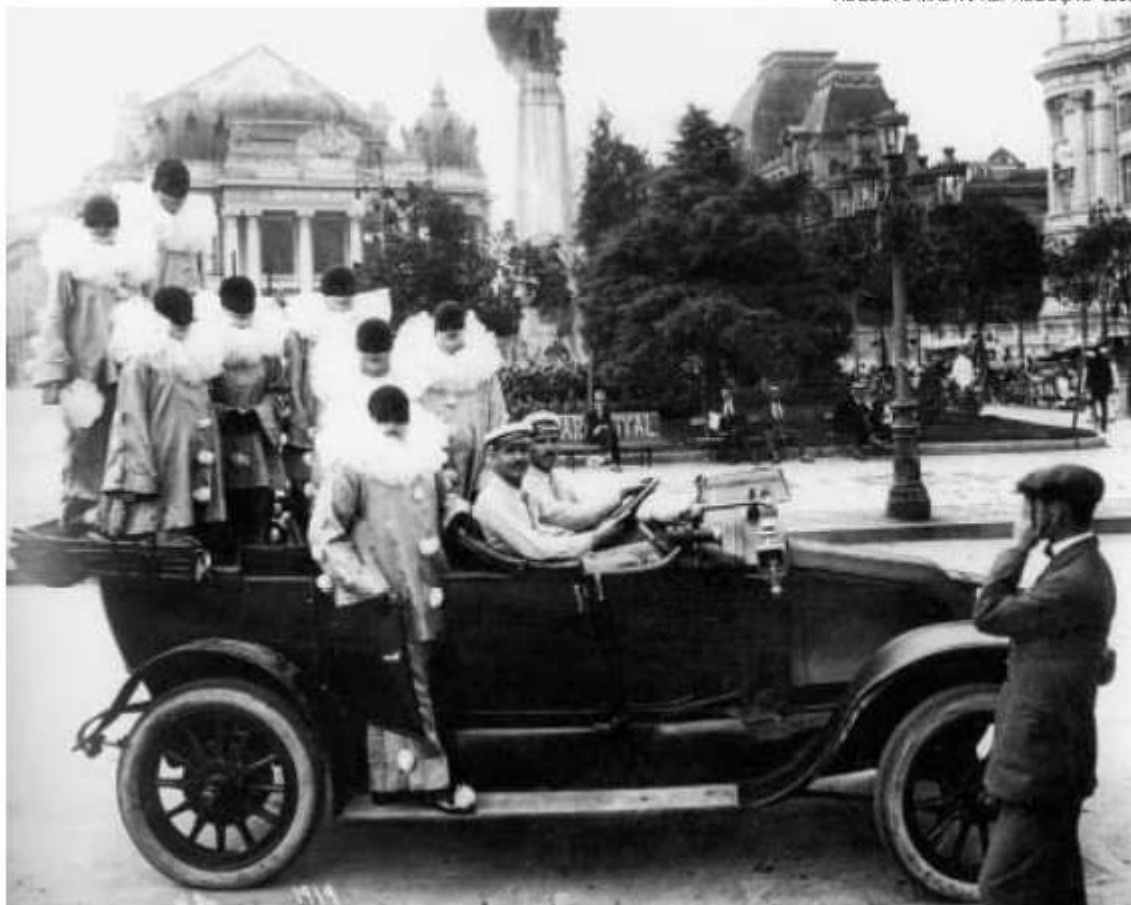
Com texto fluente e abundância de dados históricos, Diniz desperta o interesse tanto do leitor leigo como daquele que conhece a história do carnaval por dentro. Começa por contextualizar como “a desordem da folia”, desde o princípio vinculada ao calendário religioso, foi mudando de formato de acordo com as transformações urbanas e sociais. Como diz Vianna, “invenção constante é a história do carnaval”. O curso, por exemplo, surgiu no início do século 19 no Rio, paralelamente ao advento do automóvel. As famílias, então, passaram a desfilar na recém-inaugurada Avenida Central (hoje Rio Branco), jogando confetes, serpentinas e jatos de lança-perfume.

O trio elétrico veio da velha fobica, um calhambeque com dois alto-falantes que Dodô e Osmar colocaram na avenida em 1950. Eles que também inventa-

ram o pau elétrico (depois rebatizado de guitarra baiana, uma espécie de cavaquinho eletrificado), deixaram o público dividido. A idéia era reproduzir, amplificando, o efeito contagiante do frevo de Pernambuco.

O almanaque conta histórias desse tipo de maneira atraente e destaca os principais criadores e intérpretes que fizeram e fazem o carnaval brasileiro: Lamartine Babo, Noel Rosa, Braguinha, Capiba, Nelson Ferreira, Dodô e Osmar, Olodum, entre muitos outros. Em blocos complementares, aborda assuntos e personagens correlativos, como futebol, marchinha junina, modinha e choro, forró, maracatu, Jorge Amado, músicas como *Samba do Crioulo Doido* e *Carinhoso*, o nascimento do rock no Brasil, o mangue beat, Pierre Verger. Tem também um vasto roteiro de onde cair na folia nas principais cidades.

O livro de Diniz não pretende esgotar o assunto, tanto é que há alguns deslizes que ganham relevo. No capítulo *O Que Ouvir?*, por



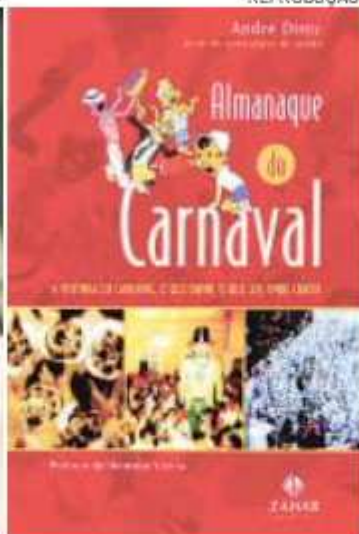
O CORSO - Desfile de automóvel no Rio no início do século 20: a folia refletindo as transformações urbanas

THIAGO CORTES/DIVULGAÇÃO

REPRODUÇÃO



O AUTORE E A CAPA DO LIVRO - Boas histórias contadas com texto fluente



exemplo, ele se refere a *O Canto da Cidade* como "o primeiro trabalho de Daniela Mercury". Na verdade, é o segundo, uma sequência avassaladora de *Swing da Cor* (do primeiro álbum-solo), o primeiro estouro de Daniela fo-

ra da Bahia. Nessa fase, em 1992, ela reuniu mais de 20 mil pessoas num meio-dia de sexta-feira, no vão do Masp, paralisando a Avenida Paulista e fazendo com que o museu não mais realizasse shows que atraíssem mul-

tidões em sua área livre. Foi o passo decisivo na carreira da cantora, que o livro omite, mas no mais faz justiça a seus empreendimentos arrojados no carnaval da Bahia - desde a propagação do samba-reggae do Olodum à inovação com DJs de música eletrônica, em 2000. Como Dodô e Osmar 50 anos antes, ela também foi vaiada pelos que não entenderam a novidade. Hoje todo mundo a imita.

A discografia básica do almanaque é bastante restrita. Não tem, por exemplo, a série *Asas da América*, de Carlos Fernando, abordada muito brevemente em outro capítulo, mas que merecia um reforço por se tratar de um projeto de importante renovação do frevo pernambucano. De resto, o trabalho de Carlinhos Brown com a Timbalada é muito mais "carnavalesco" do que *Alfagamabetizado*, o primeiro álbum-solo do compositor, percussionista e arranjador. ●

NEM TUDO É ALEGRIA NA "MAIS DEMOCRÁTICA" FESTA DO PLANETA

O OUTRO LADO: O *Almanaque do Carnaval* conta boas histórias da folia brasileira de todos os tempos. Porém, como aquela que é considerada a maior e "mais democrática" festa do planeta se transforma com dinamismo galopante, há dados que carecem de atualização. Reunir as nações de maracatu, historicamente rivais, na abertura do carnaval do Recife, é uma façanha inédita do percussionista Nanã Vasconcelos, que se repete nesta sexta-feira pela sétima vez. Seria o equivalente a reunir as baterias do Salgueiro, da Mangueira e da Portela. Muito mais relevante, para constar do capítulo *Pequena Cronologia do Carnaval*, do que o fato de o Grupo Gera Samba assumir o nome de É o Tchan! em 1996. Em relação ao carnaval de Salvador, é bom lembrar que os blocos de trios elétricos, cada vez mais poderosos e maiores, vêm a cada fevereiro tirando espaço do povo nas ruas - o que de alguma maneira reflete o aumento da violência registrado em 2007. O folião que escolhe brincar dentro das cordas paga caríssimo, mas não tem o mesmo conforto que havia nos anos 90, quando os abadás eram chamados de mortalhas. A alegria baiana, que se alastra pelas micretas Brasil afora no resto do ano, tem seu sistema viciado que faz uns sobreviverem e outros caírem no limbo. "Para colocar um trio na rua hoje custa entre R\$ 300 mil e R\$ 400 mil", disse Daniela Mercury na semana passada, ressaltando que sem patrocínio não se faz carnaval. Os blocos afros de Salvador, relegados aos piores horários para pisar na avenida, há anos se vêem massacrados pelo trator econômico e pela potência dos equipamentos sonoros dos ídolos da classe média. A talentosa banda feminina Didá, originária do Olodum e formada por mulheres negras, até a semana passada não tinha patrocínio para desfilar. Festa democrática? Humm. ● L.L.G.